

UMA INSÍGNIA HERÁLDICA DOS VICE-REIS E GOVERNADORES DA ÍNDIA

Por

Pedro de Sá Alves Sameiro

Académico Correspondiente

1 – Introdução

Há dois anos, graças a uma feliz organização do Instituto Português de Heráldica, tive a oportunidade de peregrinar - termo que considero exacto – por alguns dos locais, onde com mais intensidade se revela ainda a presença e memória portuguesas na Índia.

Nós os Portugueses que, como nação, de há muito perdemos o sentido épico da História e vivemos num tempo em que, predominantemente, se entende dever apoucar contritamente o nosso passado, não podemos deixar de nos espantar com as relíquias desse império perdido, construído com enormes esforços, tão longe e por quão pouca gente.

Goa foi um dos pontos capitais dessa peregrinação, se não o mais alto deles. Goa cujo esplendor passado mal adivinhamos, encerra múltiplos motivos de interesse para o heraldista e para o genealogista.

Um deles, que de há muito vem suscitando a atenção de investigadores, de gente interessada e de curiosos, é a famosa galeria de retratos dos Vice-Reis e Governadores, actualmente exposta no piso superior do Museu em Velha Goa, antigo Convento de S. Francisco.

Foi ao passar diante destes retratos que se nos tornaram apercebidas determinadas coincidências, que, confirmadas numa segunda visita, nos fizeram crer ter existido uma insígnia heráldica específica dos Vice-Reis e Governadores da Índia.

2 – A galeria dos retratos dos Vice-Reis e Governadores da Índia

A colecção dos retratos dos Vice-Reis e Governadores da Índia tem sido objecto de diversas notícias e estudos, que se documentam num dos últimos trabalhos sobre ela publicados da autoria de António de Vasconcelos Saldanha, estudo introdutório da obra «*O Livro dos Vice-Reis da Índia d'El-Rei D. Carlos I c/ aguarelas de Manuel Gomes da Costa*»¹, que publica em fac-simile uma série de aguarelas da autoria de quem mais tarde ficaria na História como o Marechal Gomes da Costa.

Segundo Vasconcelos Saldanha, com base na lição de Gaspar Correia constante das suas «Lendas da Índia», a galeria teve início numa decisão de D. João de Castro. Gaspar Correia refere-se ao facto nas seguintes palavras: «O Governador, como curioso de fazer cousas memoraves que ficassem per sua lembrança, pareceolhe bem fazer alguma memoria dos Governadores passados. E chamou a mim Gaspar Correa, por ter entendimento em debuxar, e porque eu lá tinha vistos todos Governadores que têm governado nestas partes; e me encomendou que trabalhasse por lhe debuxar per natural todos os Governadores per natural . No que me ocupey com um pintor homem da terra, que tinha grande natural, o qual, pola enformação que lhe dey, os pintou de natural de seus rostos, que quem os primeiro vio em vendo sua pintura logo os

1.- CHAVES FERREIRA, Publicações, S.A., s/ d (1991)

conhecia»². O mesmo pintor fez o retrato do comanditário da galeria, D. João de Castro.

A galeria foi instalada numa sala, ornada de panejamentos, do palácio que então servia de residência aos Vice-Reis, o Palácio do Sabaio em Velha Goa, antigo palácio de verão de Adil Khan, soberano de Bijapur, onde mais tarde (1560) se instalou a Inquisição de Goa, quando os Vice-Reis se transferiram para o Palácio da Fortaleza.

A passagem da galeria para esta última residência só se verificou no tempo de Governador Fernão Telles de Menezes (1581), segundo informa António de Vasconcelos Saldanha. Daqui foram os quadros para o Palácio da Pólvora em Panelim (1695), acompanhando as deslocações da sede do Governo, mas nos finais do sec. XIX já se encontravam no Palácio do Hídalção em Nova Goa e daqui, segundo suponho, transitaram para o actual Museu do Convento de S. Francisco, onde presentemente se encontram.

Para lá de todas estas mudanças de situação sofreram os quadros, ao longo dos anos, numerosas intervenções e restauros que, por vezes, modificaram substancialmente o seu aspecto inicial, sobretudo nos que foram executados ao longo dos sec.s XVI e XVII. Os quadros mais recentes, entre os quais se contam os dos sec. XVIII e seguintes, mantêm essencialmente intacto o seu aspecto original, pelo que se revela a sua análise de particular interesse e valor.

Foi ao visualizar estes quadros que começámos a notar a constância da presença de um elemento na composição dos brasões de armas que ornamentam alguns deles.

3 – Análise dos retratos da galeria

Concentrámos a nossa análise nos quadros representando membros do governo da Índia do sec. XVI a finais do sec. XVIII. Mais concretamente, o

2.- *Op. cit.* pag. 11.

último retrato tomado em consideração foi o do 36º Governador, Francisco da Cunha e Menezes, que exerceu funções de 1786 a 1794.

Vimos ao todo 52 quadros, considerando neste número as fotografias dos poucos que se encontram em Lisboa. Comparados estes com a lista dos Vice-Reis e Governadores da Índia elaborada por Francisco Alves de Azevedo³, na qual foram anotados os quadros existentes em 1954, concluímos que deveríamos ter visto não 52, mas 94 quadros. Alguns dos quadros em falta encontram-se numa reserva constituída numa sala do rés-do-chão do claustro do Museu, cuja observação ao tempo não estava autorizada.

A nossa análise restringiu-se, assim, a 55,3% do universo em causa.

E nestes o que observámos?

Verificou-se que no conjunto deles, 6 não continham heráldica⁴. E em relação aos 46 restantes, onde se reproduzem as armas dos retratados, vimos que em 13 deles as armas se resumiam a um escudo⁵, enquanto que nos 33 restantes já figuravam elementos exteriores. Estes elementos consistem em coroneis (28 casos), elmo ou elmo e timbre (4 casos)⁶, ou só timbre (1 único caso)⁷.

3.- *Op. cit.* pag. 31 e seg.s

4.- São os retratos de Luís de Miranda Henriques, Governador, 1668-1671; Francisco de Távora, conde Alvor, Vice-Rei, 1681-1686; D. Vasco Luís Coutinho, Governador, 1701-1702; D. Lourenço de Noronha, Governador, 1742-1744; D. Luís Caetano de Almeida, Governador, 1742-1744, D. Luís de Mascarenhas, conde de Alva, Vice-Rei, 1754-1756.

5.- São os retratos de Diogo Lopes de Sequeira, Governador, 1518-1522; D. Pedro de Mascarenhas, Vice-Rei, 1554-1555; António Moniz Barreto, Governador, 1573-1576; D. Diogo de Menezes, Governador, 1576-1578; Aires de Saldanha, Vice-Rei, 1600-1605; André Furtado de Mendonça, Governador, 1609; Fernão de Albuquerque, Governador, 1619-1622; D. Lourenço da Cunha, Governador, 1629; Nuno Álvares Botelho, Governador, 1629; Manuel de Mascarenhas, Governador, 1656-1657; António de Melo e Castro, Governador, 1668-1671; D. Pedro de Almeida, conde de Assumar, Vice-Rei, 1677-1678; D. Rodrigo da Costa, Governador, 1696-1690.

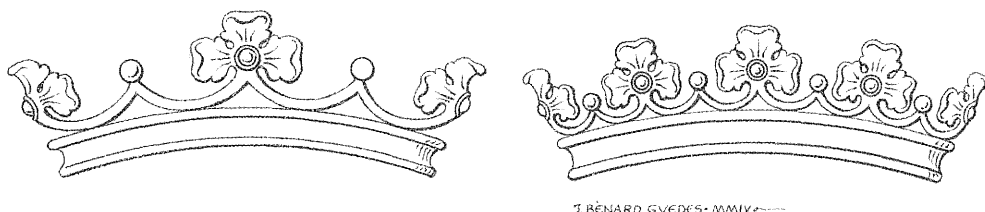
6.- São os retratos de Manuel de Sousa Coutinho, Governador, 1588-1591; Francisco de Melo e Castro, do 3º Conselho, 1656-1661; Caetano de Melo e Castro, Vice-Rei, 1702-1707; D. Rodrigo da Costa, Vice-Rei, 1707-1712.

7.- É o retrato de D. Jerónimo de Azevedo, Vice-Rei, 1612-1617.

Curioso é notar, que todas modalidades não apresentam quaisquer evidências de respeitarem balizas cronológicas, antes alternam entre si ao longo dos anos, sem que seja possível alcançar a razão de tal acontecer.

É evidente que o uso do elmo e do timbre não apresentam qualquer singularidade, por serem elementos exteriores habituais da heráldica pessoal e familiar. Mas já os coronéis podem evidenciar alguma coisa, sobretudo se não corresponderem aos dos títulos nobiliárquicos usados pelos retractados, pois poderão tratar-se de coronéis específicos das dignidades de Vice-Rei e Governador.

São em número de 25 os brasões de armas sobre os quais se divisa um coronel que, todavia, apresenta formas diversas.



Em 15 situações o coronel apresenta-se como um aro limitado por duas virolas, sobre o qual se erguem cinco florões aparentes, dois de perfil, intervalados por quatro pontas rematadas por pérolas. Este coronel é usado por 9 Vice-Reis e 6 Governadores⁸, sendo de notar que alguns deles eram titulares e que este coronel não tinha correspondência com o que competiria aos respectivos títulos.

8.- D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira, Vice-Rei, 1524; D. Duarte de Menezes, Governador, 1524; Nuno da Cunha, Governador, 1529-1538, Jorge Cabral, Governador, 1549-1551; D. Francisco de Mascarenhas, Vice-Rei, 1581-1584; D. Duarte de Menezes, Vice-Rei, 1584-1588; D. Filipe de Mascarenhas, Governador, 1645-1651; D. Miguel de Almeida, Governador, 1690-1691; D. Pedro António de Noronha, conde de Vila Verde, Vice-Rei, 1693-1698; António Luís Gonçalves da Câmara Coutinho, Vice-Rei, 1698-1701; Vasco Fernandes César de Menezes, Vice-Rei, 1712-1717; Francisco José de Sampaio e Castro, Vice-Rei, 1720-1723; João de Saldanha da Gama, Vice-Rei, 1725-1732; Manuel de Saldanha e Albuquerque, conde da Ega, Vice-Rei, 1758-1765; Francisco da Cunha e Menezes, Governador, 1786-1794.

Por seu lado, um coronel semelhante ao anterior, mas apenas com florões, é observável em quadros que apresentam grandes repintes: D. Henrique de Menezes (1525-1526), D. Garcia de Noronha (1538-1540), D. Martim Afonso de Castro (1605-1607) e D. Francisco da Gama, conde da Vidigueira (1622-1627), circunstância a que só escapa o quadro do Vice-Rei D. Miguel de Noronha, conde de Linhares (1629-1635). Só um restauro criterioso dos quadros nos permitiria descobrir se tal modelo foi efectivamente usado, na referida escala, ou se não passa de uma má interpretação do restaurador.

O terceiro tipo de coronel é encontrado nas armas representadas nos quadros de D. Estêvão da Gama, Governador (1540-1542), D. João de Castro, Vice-Rei e fundador da galeria (1545-1548), António Teles de Menezes da Silva, Governador (1639-1640), D. João Telo de Menezes, conde de Aveiras, Governador (1640-1645); D. Pedro de Lencastre, Governador (1661-1662) e D. Frederico Guilherme de Sousa, Governador, (1779).

Resta referir o caso singular do retrato de D. Luís Carlos de Menezes, conde da Ericeira, Vice-Rei de 1717 a 1720, cujas armas apresentam um escudo encimado por um coronel, formado por um aro, rematado por nove pérolas, claramente distintivo do seu título de conde e não do cargo de Vice-Rei.

Parece, pois, poder concluir-se aos Vice-Reis e Governadores da Índia portuguesa, foi atribuído, indistintamente entre os princípios do sec. XVI e fins do sec. XVIII, o uso de um coronel representativo dos seus cargos que, dominantemente, assumia a forma de aro limitado por duas virolas, rematado por cinco florões aparentes – os dos flancos de perfil – intervalados por quatro pontas rematadas por esferas, tudo de ouro. Registando-se ainda o uso de duas outras estilizações alternativas, uma semelhante à anterior mas sem as pontas rematadas por esferas e outra em que o aro esta rematado por três florões, intervalados por duas pontas rematadas por esferas; em qualquer dos casos tudo de ouro.